



Nicolas Behrⁱ

tailandeses, persas, caldeus, vândalos, libaneses, arameus, mexicanos, anambés, lituanos, croatas, cambojanos, kayapós, sumérios, vietnamitas, krahôs, angolanos, turcos, etruscos, suecos, ticunas, maoris, sérvios, hunos, finlandeses, hunos, sudaneses, chilenos, tailandeses, romanos, celtas, nepaleses, visigodos, mouros, estonianos, franceses, tupis, eslovenos, colombianos, assírios, japoneses, astecas, argentinos, egípcios, tupinambás, gregos, peruanos, irlandeses, guaranis, bizantinos, ciganos, cananeus, pigmeus, chineses, obás, macedônios, vikings, tamoios, armênios, coreanos, drusos, belgas, gauleses, incas, bascos, húngaros, etíopes, baianos, iraquianos, dórios, sudaneses, espanhóis, babilônios, bósnios, celtas, saxões, francos, argentinos, essênios, esquimós, judeus, ilírios, panamenhos, portugueses, atlântidas, apaches, filisteus, russos, troianos, colombianos, curdos, tamoios, franceses, germanos, albaneses, toltecas, alemães, espartanos, chilenos, zulus, árabes, helvécios, xavantes, filipinos, sírios, gauleses, maias, ingleses, quíchuas, visigodos, espartanos, sauditas, dinamarqueses, bantos, hebreus, americanos, tupis, poloneses, austríacos, jônios, brasileiros, aqueus, esquimós, cartagineses, indo-europeus, nambikwaras, tchecos, fenícios, coreanos, croatas, guaranis, espanhóis, hititas, hindus, austríacos, otomanos, hititas, fariseus, ostrogodos, catalães, curdos, suíços, tuaregues, suevos,

todos tentaram construir Brasília

mas só os candangos conseguiram

poder executivo

poder legislativo

poder judiciário

poder aquisitivo

os eixinhos de são sebastião
não cruzam mais a W3 de samambaia

a L2 de sobradinho
passava por baixo da rodoviária
de taguatinga

mas as superquadras
de brazlândia
são bem mais bonitas
que as tesourinhas
de planaltina

eis que se aproxima
o maior conflito bélico
de todos os tempos

legiões romanas dominam
todo o colorado e a linha
do front candango se rompe

a queda de Brasília é iminente
e mudará o curso da história

tropas macedônias já se concentram
na ponte do bragueto
e no balão do aeroporto

os ministérios carbonizados
a catedral em chamas
a rodoviária: escombros
bombardeiam o congresso nacional

dessa vez Jan Sobieski não virá
salvar a cidade sitiada
(Viena que se dane)

galés otomanas ocupam o paranoá
e tomam o alvorada pela retaguarda

escondam seus crachás
omitam seus cargos
disfarcem a arrogância

arqueiros mongóis e tanques sioux
se posicionam
no parque da cidade

o butim de guerra
cobiçado por todos
é o trono presidencial,
incrustado de carimbos
de ouro, clips de prata e
grampeadores de ônix

é a volta da blitzkrieg asteca
é a volta dos kamikazes tupis

as muralhas que protegem
o lago sul começam a ruir

ceilandeses e desocupados
da periferia se aliam aos rebeldes

o exército de mercenários ingleses
contratado pelo senado
se debanda para o lado inimigo

os deputados distritais
são os primeiros a oferecer
aos invasores cargos de confiança
(desconfiados, todos recusam)

cada superquadra organiza
sua própria defesa:
barricadas, blocos caídos -
a cidade modernista
ensangüentada

o encouraçado potemkin
direciona seus canhões
para a praça
dos três poderes

que lampião e seu bando
tenham piedade de ti

nicolas behr

brasília existe
desde sempre
e para sempre

mesmo que a terra
desapareça
brasília permanecerá

mesmo que a humanidade
se extinga
brasília continuará

(vai gostar de brasília assim
lá no planalto central!)

antes de construir aqui
o meu barraco, seu moço,
joguei no lote vazio
um punhado de terra
que trouxe lá da paraíba,
misturado com um pouco
de farinha, que assim
esta terra agora
também é minha terra,
seu moço

o que eu não falei
sobre Brasília
o tempo dirá por mim
(e se o tempo
não disser nada?)

as obras da construção de Brasília
geraram muito entulho

meus poemas sobre Brasília
são entulho

ⁱ **Nicolas Behr** (Nikolaus von Behr) nasceu em Cuiabá, em 1958. cursou o primário com os padres jesuítas em Diamantino, MT e mudou-se para Cuiabá aos 10 anos. Queria ser geólogo. Mora em Brasília desde 1974. Três anos depois lançou seu livrinho mimeografado, *logurte com Farinha*, o primeiro de muitos. Em 1978 foi preso e processado pelo DOPS por porte de material pornográfico (seus livrinhos!), sendo julgado e absolvido no ano seguinte. A partir de 1980 passa a trabalhar como redator em agências de publicidade e se engaja no movimento ecológico. Em 1986 começa a trabalhar na FUNATURA – Fundação Pró-Natureza, onde fica até 1990, dedicando-se profissionalmente desde então ao seu antigo hobby: produção de espécies nativas do cerrado, através da Pau-Brasília viveiro eco.loja, ainda hoje em atividade. Volta a publicar a partir de 1993, com *Porque Construí Brasília*. Em 2004, no livro *Nicolas Behr – Eu Engoli Brasília*, volume I da Coleção Brasilienses, o jornalista Carlos Marcelo traça seu perfil biográfico. Em 2008 seu livro *Laranja Seleta* – editado pela Língua Geral – foi finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura. O filme *Braxília (17 minutos)*, de 2010, da cineasta Danyella Proença, um ensaio sobre a relação do poeta e sua cidade, ganhou vários prêmios em festivais de cinema. Sua obra tem sido objeto de várias dissertações de mestrado pelo país. Em 2013 participou, como convidado, da FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty e da Feira Internacional do Livro de Frankfurt e da Latinale – Festival Latino Americano de Poesia, em Berlim. Em 2015 o Instituto de Letras da Universidade de Brasília instituiu o “Prêmio Nicolas Behr de Literatura”. Adora Brasília. (www.nicolasbehr.com.br)